

Derrida <> Lacan: o gozo de uma parceria

Derrida <> Lacan: la jouissance d'un partenariat

Paulo Vidal

Pós-Doutor em Teoria Psicanalítica pela UFRJ

Professor Associado do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF

Rogério Paes Henriques

Bolsista Sênior do CNPq de Pós-doutorado em Psicologia da UFF

Professor Associado do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFS

RESUMO: Aborda-se a relação entre Derrida e Lacan com base na *teoria do parceiro*, que apresenta uma modalidade de enlaçamento entre o ser falante e o Outro, via gozo, extraída do fim do ensino de Lacan. O eixo norteador será o texto derridiano “*Pour l’amour de Lacan*”. Acrescenta-se a dimensão real da pulsão (atrelada ao objeto *a* e ao gozo) à perspectiva do significante, com a qual geralmente se lê a relação entre tais pensadores. Esta relação teria sido mediada pela intrusão do objeto voz, sendo a parceria resultante escrita no par ordenado *amorte*.

PALAVRAS-CHAVE: DERRIDA; LACAN; OBJETO VOZ; TEORIA DO PARCEIRO.

RÉSUMÉ: Le rapport entre Derrida et Lacan est abordée sur la base de *La théorie du partenaire*, qui présente un mode de lier le *parlêtre* à l'Autre, par la jouissance, tiré de la fin de l'enseignement de Lacan. L'axe directeur sera le texte derridien “*Pour l’amour de Lacan*”. Nous ajoutons la dimension réelle de la pulsion (attachée à l'objet *a* et à la jouissance) à la perspective du signifiant, avec laquelle on lit généralement le rapport entre ces penseurs. Ce rapport aurait été médiatisé par l'intrusion de l'objet voix, étant le partenariat résultant écrit dans la paire ordonnée *l'amourt*.

MOTS-CLÉS: DERRIDA; LACAN; L'OBJET VOIX; LA THÉORIE DU PARTENAIRE.

INTRODUÇÃO

É relativamente comum se ouvir dizer que a relação, ou melhor, que a não relação entre Derrida e Lacan teria sido pautada por um desencontro. Ora, da perspectiva da psicanálise lacaniana, todo encontro pauta-se numa não relação estruturante, condensada no famoso postulado lacaniano: “Não

há relação sexual” (*Il n’y a pas de rapport sexuel*). Isso equivale a dizer, segundo Morel (2000, p. 19), que não existe o equivalente psicanalítico da lei de Newton; não se pode escrever a lei psicanalítica de atração dos seres humanos. Certamente, os corpos sexuados dos seres falantes se atraem, mas a psicanálise não pode escrever a lei universal dessa relação, nem lhe fornecer as regras, porque elas não existem. O real, para a psicanálise, é, sobretudo, a ausência dessa escrita da relação sexual e as consequências para cada um dessa falha.

Propomos assim, com base em Saal (2005), colocar a punção¹ entre Derrida e Lacan para abarcar a relação pulsional entre ambos, o tensionamento que implica um duplo movimento de união e disjunção, na perspectiva de um encontro que é tanto necessário quanto impossível. Articularemos a relação / não relação entre Derrida e Lacan por intermédio da *teoria do parceiro*, que descreve uma parceria de gozo modalizada pelo objeto a^2 da álgebra lacaniana. Sugerimos que a parceria entre ambos os autores teria sido mediada pela intrusão do objeto voz, com o qual Derrida se depara em Lacan. Se Derrida (1996) fala tanto em “*Pour l’amour de Lacan*” – transcrição de sua apresentação oral no colóquio *Lacan avec les philosophes*, ocorrido em 1992 na cidade de Paris –, a tese lacaniana comporta que é para fazer calar o objeto voz que fez aí sua aparição, em seu esforço de cernir algo do gozo que ressoa entre o silêncio e o som.

Passemos então à análise do relato derridiano de seu amor por Lacan (“*Pour l’amour de Lacan*”) como material empírico para pensarmos a sua relação com Lacan. Assim como Freud mostrou não haver distinção entre o sonho e o relato do sonho, o relato de Derrida de sua relação com Lacan será tomado aqui como a própria relação em si.

¹ Operador lógico utilizado por Lacan no matema da fantasia ($\$ \diamond a$), em forma de losango, que articula a relação pulsional do sujeito com seu objeto.

² Lacan define o objeto a como “substância episódica” do real. Trata-se de um constructo lógico para dar conta de um objeto desde sempre perdido, sem consistência material, caracterizado por um vazio topológico. Refere-se às partes destacáveis do corpo: seio, fezes, olhar e voz, nas quais a pulsão encontra semblantes.

Derrida e *a-voz*

Em “*Pour l’amour de Lacan*”, Derrida, professor comedido cujas aulas resumiam-se à leitura de textos rigorosamente escritos para tal fim, mostra certo desconforto ao se perceber, talvez, ocupando a posição de Lacan (morto havia 11 anos), exímio orador, cujo ensino se transmitira sobretudo via seminários orais, de modo informal – ao menos para os parâmetros acadêmicos franceses. Derrida torna explícito seu descontentamento, seu mal-estar com sua fala – uma “quase improvisação”, nos termos do prólogo – ao protestar que nos colóquios “devemos, por falta de tempo e porque *nossa voz é tomada* nos movimentos de ondulação de uma espécie de coro ou coral, renunciar à minúcia da letra [*lettre*]” (DERRIDA, 1996, p. 58, grifo nosso, tradução nossa). Tomaremos ao pé da letra a alusão de Derrida à voz, alçada ao estatuto de objeto *a* por Lacan. É justamente o *objeto vocal* que faz intrusão à fala de Derrida, cuja “voz é tomada”.

Miller assinala que, apesar da voz como objeto *a* não pertencer ao registro sonoro, isso não impede que a função da voz como “*a-fônica*” ordene as considerações que podem ser feitas sobre ela, por exemplo, a partir do som como distinto do sentido ou sobre todas as modalidades de entonação. A afinidade do objeto vocal com o sujeito do significante³ depende da perda de toda substancialidade, centrando-se num vazio que é a castração. Como função lógica, a voz se encarna naquilo que cai do corpo como um dejetivo⁴ (MILLER, 2013, p. 4-5). Derrida inicia sua fala tentando “*experimentar minha voz, encontrar o tom...*” (1996, p. 57, grifo nosso, tradução nossa).

³ Este é entendido como aquele cujo inconsciente se estruturou como uma linguagem, isto é, como aquele que supriu sua falta-a-ser com a metáfora paterna - por intermédio do significante mestre Nome-do-Pai, ordenador da cadeia significante - e com a significação fálica, que trata o gozo como sexual. Em termos estruturais, equivale à neurose.

⁴ A formação do sujeito tem dois movimentos: alienação e separação, descritas por Lacan em “Posição do inconsciente” (LACAN, 1960-64/1998) e no *Seminário, livro II* (LACAN, 1964/1998). Se da perspectiva simbólica, é preciso que o sujeito se aliene aos significantes advindos do Outro, da perspectiva real (pulsional), exige-se que o sujeito dele se separe ao deixar cair o objeto *a*, extraindo de si o excedente de gozo (mais-de-gozar) que será então referido ao campo do Outro.

Sendo a voz “exatamente aquilo que não se pode dizer” (MILLER, 2013, p. 12), não por acaso, Derrida acabará por experimentá-la invocando o que Lacan “não terá dito” (*n'aura pas dit*) ou “não teria dito” (*n'aurait pas dit*), privilégio do futuro anterior e condicional tomados da retórica lacaniana, que compõem o título do primeiro tópico de “*Pour l'amour de Lacan*”. “Não por acaso” – dissemos –, pois, para Derrida (1996, p. 73), a desconstrução é a experiência do impossível; nisso aproximando-se da ética do bem-dizer da experiência psicanalítica (LACAN, 1959-60/1988), que procura cernir o que não se pode dizer, colocando as palavras em ressonância com o gozo. Invocando o impossível de ser dito por Lacan, invocando a voz desse Outro que lhe é estranhamente familiar, Derrida acaba encontrando o tom de sua fala. É com o indizível da voz de Lacan que Derrida retorna à problemática do arquivamento e à carta/letra (*lettre*); se não em suas minúcias – dadas as limitações impostas pelos colóquios –, ao menos genericamente, passando então a explicar, na temporalidade do *a posteriori*, a polêmica em que se envolveu com Lacan sobre a carta roubada de Poe.

Idealização da carta/letra

Derrida relança a discussão sobre o conto “A carta roubada” de Poe (1844/2002), remetendo-se à ocasião do lançamento dos *Escritos* (coletânea dos principais textos de Lacan), em 1966. Atento às “margens” dessa obra, Derrida selecionou o texto de abertura, “Seminário sobre *A carta roubada*” (LACAN, 1956/1998), que constitui a única exceção à linha editorial que optou pela disposição sequencial cronológica dos demais textos. Derrida resolve então analisar o privilégio conferido por Lacan a esse texto abre-alas, fora do lugar.

Havia naquela ocasião um descompasso entre o movimento da desconstrução e o pensamento lacaniano, tal como sintetizado nos *Escritos*⁵. Em meados da década de 1960,

⁵ Em trabalho anterior (HENRIQUES, 2017), buscamos mostrar que a leitura de Derrida dos *Escritos*, em “O carteiro da verdade” (DERRIDA, 1975/2007), que extraiu um “sistema de verdade em Lacan”, não se sustenta à luz de “A

enquanto Derrida desconstruía a filosofia, Lacan a reconstruía junto à psicanálise⁶. Derrida vislumbrava no discurso lacaniano uma sucessão de argumentos desconstrutíveis, tanto no nível propriamente filosófico (“o fonocentrismo, o logocentrismo, o falocentrismo, a palavra plena como verdade, o transcendentalismo do significante, o retorno circular da apropriação do mais próprio do lugar próprio...”) quanto no nível onto-teológico representado pelo discurso heideggeriano⁷: “Lacan se referia então (...) de modo frequente, decisivo e confiante, por vezes encantatório, à palavra heideggeriana, ao *logos* interpretado por Heidegger, à verdade tanto como adequação quanto como velamento/desvelamento” (DERRIDA, 1996, p. 73, tradução nossa). O discurso lacaniano, muito crédulo na filosofia (seja no neo-existencialismo sartreano por intermédio do discurso da alienação e da autenticidade, seja em Hegel/Kojève através da dialética do senhor e do escravo, ou ainda, como já visto, em Heidegger), era o principal adversário a ser batido. Contra essa restauração filosofante da psicanálise empreendida por Lacan, Derrida se posicionou.

Derrida fornece então, retrospectivamente, oito pontos principais a partir dos quais erigiu, em “O carteiro da verdade”, uma “interpretação genealógico-desconstrutiva” do “Seminário sobre *A carta roubada*”, tomado por ele como “a maior formalização estratégica do discurso lacaniano”: (1) o trajeto próprio e circular da carta/letra, que retorna ao lugar da falta do

ciência e a verdade”, texto que encerra a coletânea lacaniana (LACAN, 1965/1998). Curioso que Derrida, em “*Pour l’amour de Lacan*”, nessa sua fala de 1992, afirme reiteradamente de modo denegativo *não* ter homogeneizado Lacan (DERRIDA, 1996, p. 67, p. 79, p. 81), em sua contextualização retrospectiva de “O carteiro da verdade”, de 1975.

⁶ Muito embora a psicanálise lacaniana ainda fosse o que de melhor havia no campo psicanalítico daquela época, como afirma Derrida: “Implantando o mais vívido da filosofia, da linguística, da antropologia (...) [Lacan] era muito mais interessante do que aquilo que dogmaticamente cochilava sob o nome de psicanálise” (1996, p. 73, tradução nossa).

⁷ Essa filiação explícita de Lacan, tradutor francês do *Logos* de Heidegger, fora esmiuçada por Nancy & Lacoue-Labarthe (1973/1991) dois anos antes da primeira publicação de “O carteiro da verdade”. Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe são citados por Derrida em “*Pour l’amour de Lacan*” como exemplos de “raros filósofos profissionais a terem lido e publicado sobre Lacan no ambiente filosófico universitário” (DERRIDA, 1996, p. 79, tradução nossa).

qual ela se destacou; (2) o analista como mestre da verdade desvelada, por intermédio do significante; (3) a palavra plena, definida por sua identidade com aquilo que ela fala; (4) a desqualificação do registro e do arquivo eletrônico como alienante, em prol do contato direto e de viva voz; (5) a posição transcendental do falo, significante privilegiado que liga o *logos* ao desejo e a verdade à castração; (6) O fonocentrismo militante, explícito e massivo, que seria contradito pelo próprio Lacan, segundo Derrida, em 1972-73⁸, “não ‘anterior’ a, mas posterior a ‘toda gramatologia’⁹”; (7) o desconhecimento ou a

⁸ “*Pour l’amour de Lacan*” consiste, também, em um comentário de Derrida da fala de René Major, que reconhece “a marca subterrânea do pensamento de Derrida” na fase tardia do ensino lacaniano, sacramentada no *Seminário, livro 20: mais, ainda...*, de 1972/1973, onde o significante fálico transcendental teria sido promovido à categoria de contingente, entendida como “aquilo que *deixa de não se escrever*”, referido à relação sexual impossível (MAJOR, 2002, p. 189-191). Com as fórmulas da sexuação propostas no *Seminário, livro 20*, Lacan (1972/1973/2007) postula a existência de outro gozo além do fálico, o gozo do Outro, gozo feminino, entendido como suplementar. O falo torna-se assim “excêntrico, não apenas descentrado ou deposto, mas radicalmente ex-centrado” (“falo-excentrismo”) – como sugere Iannini (2018). Por sua vez, o “fonocentrismo” também é ex-centrado nesse mesmo seminário com a introdução por Lacan da dimensão real (*a*-significante) da língua denominada *lalangue* (*a*-língua). Lacan (1975-1976/2007, p. 123) escreve “*phonction* [que equivoca com “*fonction*”] *du phallus*”, situando o falo na junção entre o escrito e a fala (*phonation*), dando-lhe assim voz.

⁹ Derrida parece aqui acometido de “angústia da influência” (Bloom, 1973/2002) para com Lacan, em torno da instância da letra. Se esta tiver advindo “anterior a” toda gramatologia, teríamos um Derrida lacaniano; se tiver advindo “posterior a” toda gramatologia – como sugere Derrida –, teríamos um Lacan derridiano. Cabe destacar que questões sobre prioridade intelectual permearam o colóquio que deu origem a “*Pour l’amour de Lacan*”, resultando no episódio de censura por parte de Alain Badiou ao título original da apresentação de René Major, que se referia a uma possível “psicanálise derridiana”. No terceiro tópico de seu texto, “*Deuxième protocole: le futur antérieur de l’après-coup*”, ao abordar brevemente os desdobramentos do discurso lacaniano pós-*Escritos*, Derrida (1996, p. 79-81) sugere que Lacan teria seguido o fluxo histórico da década de 1970 rumo à substituição generalizada do termo “fala” por “escrita”, mas não propriamente teria se tornado derridiano. Lamentavelmente, Derrida não comenta “Lituraterra” (Lacan, 1971/2003), texto lacaniano que recusa a “impressão primeira” de um traço, proposta por Derrida em “Freud e a cena da escritura” (1967/2002); “Lituraterra” esboça uma singular ideia da escrita como o sistema de notação das perturbações da língua, que permite notar o indizível. Lacan estava, portanto, muito além de tão somente seguir o fluxo histórico de uma época.

desconsideração da estrutura literária da narrativa, em prol da formalização da hermenêutica psicanalítica; (8) uma escamoteação dos efeitos de duplo no relato de Poe, que deveria ter turvado os limites entre o imaginário e o simbólico (DERRIDA, 1996, p. 76-78, paráfrase nossa).

Esses pontos se articulam numa espécie de aforismo lacaniano que encerra seu “Seminário sobre *A carta roubada*”: “uma carta sempre chega a seu destino” (LACAN, 1956/1998, p. 45). Cabe ressaltar que, segundo Derrida (1996, p. 78), Lacan toma a carta/letra como o lugar do significante. Este, em sua materialidade, garantiria a indivisibilidade da carta/letra, o que corresponderia à sua idealização. Contra isso, Derrida empreendeu seu esforço desconstrucionista, dispensando a Lacan (DERRIDA, 1975/2007) tarefa equivalente àquela já dispensada, por exemplo, a Husserl (DERRIDA, 1967/1994). E assim Derrida finaliza seu inventário das justificativas de sua entrada na controvérsia com Lacan.

A destinação como morte

Nas ocasiões em que presencialmente falou com Lacan, Derrida relata que o tema da morte permeou tais encontros, tendo o primeiro deles ocorrido em Baltimore, cidade de Poe:

(...) destaco aqui, talvez por causa do nome da morte [*mort*] de Baltimore, que as duas únicas vezes nas quais nos encontramos e conversamos um pouco um *com* o outro, houve a questão da morte entre nós e, primeiramente, na boca de Lacan. Em Baltimore, por exemplo, ele me falou do modo como pensava que seria lido, especialmente por mim, após sua morte (DERRIDA, 1996, p. 69, grifo do autor, tradução nossa).

Durante o segundo e último encontro entre eles, ocorrido na casa dos sogros de Lacan, dessa vez, Derrida isola o que Lacan diria acerca do que Derrida lhe disse: “A frase de Lacan fala de um ‘pai’, que sou eu, de um pai que ‘não

reconhece (...) o impasse em que coloca o Outro, fingindo-se de morto” (DERRIDA, 1996, p. 69, tradução nossa). Dessa maneira, Lacan interpretou a confiança que Derrida lhe fizera sobre sua vida familiar envolvendo seu filho pequeno e sua esposa. Derrida não tem certeza de ter entendido a interpretação de Lacan e recorre à liberdade interpretativa que Lacan lhe conferia para elucubrar sobre quem seria o pai e quem seria o filho nessa relação entre ambos os pensadores – relação essa talvez mais próxima de um enodamento como numa fita de Moebius (sem dentro nem fora, sem início nem fim...¹⁰) que de um espelhamento imaginário pautado na rivalidade e agressividade. A contingência de seus encontros com Lacan, concebidos por Derrida como sendo da ordem da tiquê, é assim resumida:

Portanto, havia a morte entre nós e foi especialmente uma questão da morte, diria até, *somente* da morte de um de nós, como *entre*¹¹ todos aqueles que se amam. Ou melhor, ele falou disso sozinho, pois eu nunca disse palavra alguma. Ele falava sozinho de nossa morte, da sua que não deixaria de chegar e da morte, ou melhor, do morto que, segundo ele, eu fingia (DERRIDA, 1996, p. 70, grifo do autor, tradução nossa).

Próximo ao fim do texto, Derrida (1996) situa os lugares essenciais de sua discussão contínua e interminável com Lacan: “o pensamento da contingência, da singularidade, do acontecimento, do encontro, do acaso e da tiquê, que é também um certo pensamento, uma interpretação ou uma

¹⁰ Curioso que a experiência do objeto sonoro, que sugerimos mediar a relação entre Lacan e Derrida, segundo Vieira (2018), “se apresenta sempre em um campo de indiferenciação” (p. 86), “tanto dentro e fora de nós” (p. 60); “não tem começo nem fim porque sua experiência é ambígua [...] é difícil dizer quando começa e quando termina, é difícil dizer onde ela ressoa em nós. [...] A voz do Outro tem a particularidade de nos mobilizar sem levar em conta uma de nossas balizas mais básicas: o ‘dentro e fora’ do corpo, o que nos leva a sentir que não é possível interrompê-la facilmente” (p. 78).

¹¹ No original: “*avec* ou *chez*”, cujas nuances se perdem na tradução.

experiência da morte cujo falo seria o significante”(p.83, tradução nossa). Assinala ter sido seu endereçamento a Lacan da questão da destinação da carta/letra (*lettre*) que fez com que, na ocasião dos encontros entre ambos, fosse sobre a morte que Lacan falava, aliás, sozinho – dado que “a destinação é a morte” (p. 84, tradução nossa).

Zizek (1994) comenta a destinação como morte como “*El encuentro real*”, que intitula o tópico correspondente de seu texto, onde afirma que:

Desde la perspectiva de los últimos años de la enseñanza de Lacan, la carta que circula entre los sujetos en el cuento de Poe, determinando su posición en la red intersubjetiva, ya no es la agencia materializada del significante sino, más bien, un objeto en el sentido estricto del goce materializado, la mancha, el exceso siniestro que los sujetos se arrebatan unos a otros, olvidados de la manera en que su posesión misma los marcará con una postura pasiva, “feminina”, que atestigua la confrontación con el objeto-causa del deseo (ZIZEK, 1994, p. 39).

Pois quando as palavras ficam de fora – como relatado pelo narrador Derrida, que é também personagem do relato e testemunha silenciosa do discurso de Lacan sobre a morte –, é porque o objeto *a*, que deveria ter sido mantido à distância, muito se aproximou.

Teoria do parceiro

Falávamos dos encontros entre Derrida e Lacan. Este último sugeriu uma teoria dos encontros ou da parceria entre os seres falantes a partir de seu “último ensino”, constituído em torno de dois postulados: “não há relação sexual” (*il n’y a pas de rapport sexuel*) e “há do Um” (*il y a de l’Un*). O primeiro – como dissemos – se refere a não inscrição da sexualidade no inconsciente, já o segundo, ao gozo auto erótico refratário ao enlace com o Outro. Uma das questões prementes do último

ensino de Lacan relaciona-se às modalidades de conexão do gozo auto erótico do Um (associado ao mais-de-gozar) com o Outro (alteridade fundamental e fundadora do sujeito). Daí a teoria do parceiro, que abrange o laço entre a pulsão e o Outro, já que “O sujeito lacaniano é impensável sem um parceiro” (MILLER, 2000, p.164).

Miller destaca que a impossibilidade da relação sexual se refere à “ausência de saber no real que diga respeito à sexualidade” (2000, p. 155), ou seja, ao fato de que os seres falantes se descolaram do instinto, já que suas necessidades precisam ser interpretadas via linguagem, tornando-se assim demandas. Por exemplo, uma mãe não é programada instintivamente a agir diante do seu filho recém-nascido que chora, devendo então interpretar tal choro a ela endereçado como demanda: o que ele quer de mim?¹² Para Lacan, toda demanda é demanda de amor. “(...) o amor quer dizer que a relação com o Outro não é estabelecida por qualquer instinto. Ela não é direta, e sim mediada pelo sintoma” (MILLER, 2000, p. 156). O sintoma, como mediação da relação com o Outro, é metáfora da não relação sexual, e, como gozo, é satisfação sexual substitutiva. O parceiro, na condição de parceiro sexual, isto é, como “parceiro-sintoma” (termo cunhado por Jacques-Alain Miller), nunca está prescrito ou programado, mas responde contingentemente à cota de gozo perdido que se busca e se encontra no Outro. Lacan afirma no final de seu *Seminário, livro 20* que é “o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço (...) do seu exílio da relação sexual” (LACAN, 1972-73/2007, p. 156) que provoca o amor.

Trata-se de uma nova doutrina do amor em que este não passa apenas pelo narcisismo¹³. O amor passa pela existência do inconsciente, o que supõe que o sujeito perceba no parceiro o tipo de saber que nele responde à não-relação sexual, ou seja,

¹² Nessa lacuna, o desejo advirá, entre a necessidade e a demanda.

¹³ Desde Freud acredita-se que em se tratando da economia libidinal o amante desinveste de si mesmo, abrindo mão do seu amor narcísico em prol do investimento no objeto amado.

supõe a percepção, no parceiro, do sintoma que ele elaborou em razão da não-relação sexual. É precisamente sob essa perspectiva que Lacan elaborou, nesse mesmo Seminário [*Mais, ainda...*], que o parceiro do sujeito não é o Outro, mas sim o que vem substituí-lo sob a forma de causa do desejo¹⁴. Eis aí a concepção radical do parceiro que faz da sexualidade uma vestimenta do mais-de-gozar (MILLER, 2000, p. 170).

Pode-se ler na fórmula da fantasia ($\$ \diamond a$) tal parceria amorosa, na qual o sujeito busca no Outro alguma coisa de seu gozo (a), seu mais-de-gozar. O objeto a corresponde ao que na pulsão funciona como atividade autoerótica e ao que se deve buscar no Outro. Isso implica que um *parlêtre*¹⁵ encontre algo do gozo do corpo próprio no corpo do Outro. O estatuto essencial do parceiro no nível do gozo é ser o objeto a da fantasia. Trata-se de um encontro “carnal” entre organismos vivos, sexuados, incorporados... – *Encore*, tal como o título do *Seminário*, livro 20, homônimo a *En-corps* (“em-corpo”).

A expressão “parceiro-sintoma” equivoca dando margem a se pensar que o parceiro nesse caso não seria bom, algo que o cancionero popular traduz por “você não vale nada /mas eu gosto de você”. Porém, sendo o “sintoma” etimologicamente “o que cai (*ptôma*) junto (*sym*)”, portanto similar ao objeto da álgebra lacaniana que se necessita deixar cair, parceiro-sintoma passa a se referir antes à exitosa parceria de Um a Outro. Portanto, “O parceiro *sintomatificado* é o melhor, aquele com o qual estamos o mais perto possível da relação” (MILLER, 2000, p. 172, grifo do autor).

¹⁴ O conhecido postulado de Lacan sobre o amor sustenta que amar é dar o que não se tem. “O amor é quando, no lugar do amado, vem a falta. Mais especificamente, minha falta, quando minha falta passa a ser encarnada pelo amado” (VIEIRA, 2018, p. 108).

¹⁵ Neologismo introduzido por Lacan em seu último ensino para incluir a substância gozante (encarnada no gozo do corpo) na falta-a-ser significante. Traduzido literalmente por “*falasser*” ou metaforicamente por “ser falante”.

Erótica d’a-voz e morte

Tomemos o “se fazer ouvir” do *Seminário, livro 11*, citado por Miller (2000, p. 182-184), para pensar o silêncio de Derrida em seus encontros com Lacan. O movimento circular da pulsão¹⁶, que Lacan procura mostrar nesse seminário, responde à noção de que o corpo próprio está no início e no fim do circuito pulsional, apresentando uma pulsão sempre ativa – diferentemente do que propunha Freud. Partindo do exemplo lacaniano da pulsão oral como a boca que beija a si própria, pode-se pensar que a pulsão invocante¹⁷ (que não é propriamente o som, assim como a pulsão oral também não se reduz ao comestível) se encarna em qualquer objeto que faça a voz gozar de si própria. Sendo a voz “exatamente aquilo que não se pode dizer” (MILLER, 2013, p. 12), questionamos se o silêncio de Derrida junto a Lacan não seria uma forma ativa, para além da ilusória passividade, de *se fazer gozar*, já que para o autogozo da voz via corpo próprio é necessário um hetero-objeto encarnado no Outro: “Uma voz sempre remete a um corpo, mesmo que como seu ponto de silêncio...” (VIEIRA, 2018, p. 81). De modo que, talvez, não seja de todo absurda a interpretação lacaniana de que Derrida finge-se de morto silenciando sobre o impasse em que coloca o Outro, tomando não obstante parte ativa e gozosa nesse processo.

Outro momento no qual podemos destacar a presença vocal de Lacan em Derrida refere-se à fenomenologia do insulto¹⁸ e ao protesto derridiano direcionado à afirmação injuriosa de Lacan sobre ele, que acaba por tocar o mais íntimo

¹⁶ Similar ao trajeto da carta roubada de Poe, tal como circunscrita por Lacan (1956/1998).

¹⁷ O circuito da pulsão invocante foi apresentado na aula de 21 de dezembro de 1976 do seminário lacaniano *L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre* por Alain Didier-Weill (1997), a quem remetemos o leitor interessado, já que escapa aos nossos objetivos expor seus esquemas.

¹⁸ Apresentada por Lacan em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” a partir do episódio da jovem que ouve seus vizinhos a chamarem de “Porca!”, em conexão com “Eu venho do salsicheiro”, extraída da relação que mantinha com seu corpo despedaçado (LACAN, 1959/1998, p. 540-541).

de seu ser. Lê-se em “*Pour l’amour de Lacan*”: “Lacan comete em um seminário de 1977 (ainda *L’Insu qui sait...*) uma imprudência compulsiva: ele me crê em análise...” (DERRIDA, 1996, p. 86, tradução nossa). A afirmação de Lacan data de 11 de janeiro de 1977 e se refere ao prefácio (“*Fors*”) escrito por Derrida ao livro *Cryptonymie. Le verbier de l’homme aux Loups*, dos psicanalistas Nicolas Abraham e Maria Torok. Lacan elucubra que Derrida pudesse estar acoplado a esse casal de analistas freudo-ferenczianos¹⁹. Com base na fenomenologia do insulto, conforme Vieira (2018), temos que quanto mais o insulto for sem sentido, mais a presença do insultante será sentida como voz; apenas presença. Essa presença vocal do Outro, mais que qualquer outra, exige resposta (p. 86). Não por acaso, Derrida toma um precioso tempo de sua apresentação no colóquio respondendo à “imprudência compulsiva” lacaniana. De tal resposta, isolamos a observação de que Lacan ignorou o fato que um dos autores do livro prefaciado, amigo de Derrida, já estava morto na ocasião da elaboração do prefácio, escrito justamente em sua homenagem e em sua ausência. Novamente aqui é a questão da morte que emerge entre Derrida e Lacan.

Aquilo que, à primeira vista, pareceria desencontro de uma perspectiva intersubjetiva – inclusive Derrida (1996, p. 75) faz uso da expressão “*odd couple*” (casal estranho) para se referir à sua relação com Lacan, em “*Pour l’amour de Lacan*” – mostra-se encontro de uma perspectiva pulsional, cuja modulação pela erótica da voz “envolve o sentimento de comunhão e fusão ou de extrema invasão” (VIEIRA, 2018, p.60), respectivamente atrelados ao silêncio derridiano e ao insulto lacaniano. Há algo da ordem de uma parceria sintomática que emerge na ocasião desses encontros, manifestando o enlace entre Derrida e Lacan como parceiros de gozo. Talvez essa seja a dimensão real do encontro a partir da qual se podem ler as afirmações de Derrida: “Vejam, acho que nós nos amamos muito, Lacan e eu...” (1996, p. 60, tradução

¹⁹ Por mais estranha que seja da perspectiva lacaniana, o dispositivo de uma “análise mútua” foi proposto por Sándor Ferenczi em seu *Diário clínico* (FERENCZI, 1990) como uma conversa entre duas ou mais pessoas, na qual situações atuais são reenviadas à infância, aos sonhos, às fantasias ou ao desejo para serem clarificadas ou elucidadas.

nossa); “...havia a morte entre nós e foi especialmente uma questão da morte, diria até, somente da morte de um de nós, como entre todos aqueles que se amam”²⁰ (1996, p. 70, grifo do autor, tradução nossa). O infinito dos encontros do qual vive o amor carrega consigo “*amorte*”, neologismo criado por Corrêa (2011, p.114) em referência à estrutura do par ordenado de amor e morte: {{Amor}, {Amor, Morte}}. Como não há inscrição da morte no inconsciente – o que foi assinalado por Freud e intuído anteriormente por Santo Agostinho em suas *Confissões* –, ela só pode ser escrita em par ordenado com o amor, assim como a pulsão de morte só existe intrincada à pulsão de vida. Amar é morrer, efeito de estrutura desse par ordenado, como não cessa de nos recordar a atemporalidade dos crimes passionais, da Grécia antiga (LORAU, 1988) aos dias atuais. A essa face real do amor, Lacan nomeia “devastação”, modalidade de gozo d’A Mulher. Efeito de feminização (LACAN, 1971/2009, p. 125; ZIZEK, 1994, p. 39) sobre os parceiros posicionados à sombra da carta/letra (*lettre*)?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos neste artigo operar um ex-centramento das leituras baseadas em referências cruzadas entre Lacan e Derrida – cuja tessitura da mútua influência teórica, cerne da discussão universitária, foi cuidadosamente traçada por Rego (2006) –, a fim de abrir o texto à parceria de gozo entre ambos e, assim, elucubrar outro modo de se ler a relação entre esses autores, mais próximo dos meandros do discurso do analista, orientado pelo real. A clínica psicanalítica é modalizada pela voz. “Batendo as duas mãos uma na outra, temos um som; qual é o som de uma mão somente?” – indaga o mestre zen Hakuin Ekaku. Ou, psicanaliticamente: o que não se chega a dizer e que, no entanto, se escuta? O que não teríamos dito aqui! A psicanálise compartilha com a desconstrução (e talvez também

²⁰ No original: “*Voyez-vous, je crois que nous nous sommes beaucoup aimé, Lacan et moi...*”; “*il y avait la mort entre nous, il fut surtout question de la mort, je dirai même seulement de la mort de l’un de nous, comme avec ou chez tous ceux qui s’aiment.*”

com o *koan*) essa experiência do impossível em torno da escrita como notação do indizível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOOM, Harold. (1973) **A angústia da influência**: uma teoria da poesia. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

CORRÊA, Ivan. Amorte. In: **A psicanálise e seus paradoxos**: seminários clínicos. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2011, p. 107-121.

DERRIDA, Jacques. (1967) **A voz e o fenômeno**. Introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. (1967) “Freud e a cena da escritura”. In: **Escritura e diferença**. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 179-227.

_____. (1975) O carteiro da verdade. In: **O cartão-postal**: de Sócrates a Freud e além. Tradução de Simone Perelson e Ana Valéria Lessa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 457-542.

_____. *Pour l’amour de Lacan*. In: **Résistances de la psychanalyse**. Paris: Galilée, 1996, p. 55-88.

DIDIER-WEILL, Alain. O circuito pulsional. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. In: **Nota azul**: Freud, Lacan e a arte. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997, p.85-104.

FERENCZI, Sándor. **Diário clínico**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

HENRIQUES, Rogério. Lacan e Derrida em torno de “A carta roubada” de Poe. **Prometeus**, ano 10, n. 24, p. 77-94, set-dez. 2017. Disponível em:

<https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/7183/5781>.

Acesso em 22 nov. 2018.

IANNINI, Gilson. Notas sobre o faloeixcentrismo freudiano.

Boletim do XXII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano.

19 nov. 2018. Disponível em:

<http://encontrobrasileiro2018.com.br/nota-digna-de-nota-notas-sobre-o-faloeixcentrismo-freudiano/>. Acesso em: 21 nov. 2018.

LACAN, Jacques. (1956) Seminário sobre “A carta roubada”. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 13-66.

_____. (1959) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 537-590.

_____. (1959-60) **O Seminário, livro 7: a Ética da Psicanálise**. Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. (1960-64) Posição do inconsciente. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 843-864.

_____. (1964) **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1965) A ciência e a verdade. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 869-892.

_____. (1971) Lituraterra. In: **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 15-25.

_____. (1971) **O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. (1972-73) **O seminário, livro 20**: mais, ainda. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. (1975-76) **O seminário, livro 23**: o sintoma. Tradução de Sergio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LORAUX, Nicole. **Maneiras trágicas de matar uma mulher**: imaginário da Grécia antiga. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

MAJOR, René. **Lacan com Derrida**. Tradução de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. Tradução de Angelina Harari. In: ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000, p. 153-207.

_____. (1997-98) Teoría de las parejas. In: **El partenaire-síntoma**. Traducido por Dora Gladys Saroka. Buenos Aires: Paidós, 2011, p. 253-276.

_____. Jacques Lacan e a voz. **Opção lacaniana – on-line**, ano 4, n. 11, jul. 2013. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/voz.pdf>. Acesso em 9 maio 2017.

MOREL, Geneviève. *Ambigüités sexuelles: sexuation et psychose*. Paris: Anthropos, 2000.

NANCY, Jean-Luc; LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. (1973) **O título da letra**: uma leitura de Lacan. Tradução de S. J. de Almeida. São Paulo: Escuta, 1991.

POE, Edgar Allan. (1844) A carta roubada. In: **Histórias extraordinárias**. Tradução de Brenno Silveira. São Paulo: Nova Cultural, 2002, p. 203-224.

REGO, Cláudia M. **Traço, letra, escrita:** Freud, Lacan, Derrida. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

SAAL, Frida. Lacan à Derrida. Tradução de Sérgio Telles. *Percurso*, 34, ano XVIII, jan-jul. 2005. Disponível em: http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=325&ori=edicao&id_edicao=34. Acesso em: 14 nov. 2018.

VIEIRA, Marcus André. **A escrita do silêncio** (voz e letra em uma análise). Rio de Janeiro: Subversos, 2018.

ZIZEK, Slavoj. ¿Por que una carta siempre llega a su destino? In: **¡Goza tu síntoma!** Jacques Lacan dentro y fuera de Hollywood. Traducido por Horacio Pons. Buenos Aires: Nueva Visión, 1994, p. 13-45.

Recebido em: 12/04/2018

Aprovado em: 13/03/2019